

VIAGEM PELO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 1817 E 1820. JOHANN B. VON SPIX; KARL F. P. VON MARTIUS. PRIMEIRA EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA, 1938, RIO DE JANEIRO.[1]

Por Kalina Vanderlei Silva[2]



Em 1831 era publicado, em Munique, o terceiro e último volume de *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I, Königs von Baiern in den Jahren 1817-1820*, dos naturalistas bávaros *Johann Baptiste von Spix* e *Karl Friedrich von Martius*. Uma obra que ficaria conhecida no Brasil como *Viagem pelo Brasil entre os Anos de 1817 e 1820*, e que, desde que foi traduzida pela primeira vez para português em 1938, tem servido de fonte para incontáveis estudos e historiadores.[3]

Viagem pelo Brasil foi o primeiro fruto literário da aventura que levava aqueles dois naturalistas a percorrerem uma ampla extensão desde o Rio de Janeiro até a Amazônia, e que começara com sua inclusão na expedição promovida pela, então crescente, aproximação entre o Império português, desde 1808 sediado no Brasil, e o Império Austríaco; uma aproximação consolidada pelo casamento da princesa Leopoldina com o futuro Pedro I. E, foi justamente na comitiva da princesa, na missão científico-artística organizada em Viena, que os futuros autores, Von Spix que se especializara na fauna e Von Martius que favorecia os estudos de botânica, viram a América portuguesa pela primeira vez. [4]

Vinham carregados de expectativas, criadas principalmente por sua formação iluminista e pelo ambiente intelectual que deixavam para trás; um ambiente que transitava entre o colecionismo e a nascente ciência metódica, submersos como estavam nas teorias de Lineu, em leituras de Rousseau e de Goethe, e na experiência de um dos mais influentes naturalistas a incursionarem nas Américas, o prussiano Alexander von Humboldt. Todos esses elementos iriam contribuir não apenas para o desenvolvimento das ciências naturais, mas a presença desses aventureiros nas Américas, ao longo do século XIX, carregaria também seus significados políticos, talvez melhor exemplificados pela influência exercida por Von Humboldt sobre as elites crioulas no Vice-Reinado de Nova Granada.[5]

A missão austríaca no Brasil se inseria nesse contexto, financiada pelo interesse das academias de ciência européias em catalogar a biodiversidade das terras ‘exóticas’. E essa era a função principal de Spix e Martius, catalogar plantas e animais, dando sua contribuição para a organização das espécies que os seguidores de Lineu vinham se empenhando em elaborar. Ao mesmo tempo, ambos eram entusiásticos crentes no conceito de civilização, cada vez mais em voga desde o final do século XVIII.

E, de fato, desempenharam seu papel para a Academia de Ciências de Munique de forma exemplar: Von Martius recolheu mais de seis mil espécies de plantas, e Von Spix dezenas de mamíferos, centenas de aves e de répteis, além de milhares de insetos[6]. Isso lhes garantiu benefícios e honrarias, uma vez de volta a Europa: foram nomeados cavalheiros e passaram a integrar várias academias científicas prestigiadas. No entanto, enquanto Martius deu prosseguimento a uma carreira que se mostraria prolífica, Spix, adoecido, faleceu seis anos após o retorno a Munique.[7] Von Martius continuaria explorando os dados recolhidos e em 1859 faria publicar a primeira parte daquela que é provavelmente sua obra mais ambiciosa, a *Flora brasiliense*. [8] Mas para a historiografia brasileira sua *Viagem pelo Brasil* terminaria sendo sua obra mais vital, visto que, mais do que um tratado zoológico-botânico, ela se apresenta como uma narrativa de viagem com forte caráter etnográfico, densamente povoada por descrições humanas.

Publicada pela primeira vez em língua portuguesa em 1938, e várias vezes reeditada, *Viagem pelo Brasil* foi traduzida para o inglês antes mesmo de chegar ao Brasil. Fenômeno explicável pelo grande interesse do Império britânico na região, e que

transparece na apologia que o prefaciador da primeira edição inglesa, datada de 1824, teceu sobre as publicações alemãs elaboradas pelos *bem-versados* homens da ciência então a serviço do rei português, e dentre as quais destacava a narrativa de Spix e Martius.[9] Uma narrativa na qual os autores não escondiam sua ambição em, como já proposto por Goethe, unir Ciência e Poesia. Logo em seu prefácio chegaram a definir a missão austríaca da qual faziam parte como uma missão literária, e não deixaram de permear seu texto com descrições bucólicas:

We withstood the temptations of the beautiful natural scenery, which displayed itself before our windows, in all de splendor of the south, only till we had provided for the most urgent wants of our domestic arrangements. It was particularly the neighboring mountains, clothed with thick verdure, that attracted us, and thither we accordingly undertook our first excursion.[10]

Em meio a tais descrições de seu deslumbre com o cenário natural, a flora e a fauna aparecem quase de forma incidental: nesse passeio nos arredores do Rio de Janeiro, por exemplo, eles enumeraram desde plantas e animais, até doenças como sífilis e sarna.[11] Paisagem humana e natural foram mescladas na narrativa de forma a desenhar um cenário no qual todos os elementos, desde os minerais até a história em si[12], estivessem envolvidos. Paisagens como aquela de Vila Rica, envolvida por morros cobertos de flores e uma população que declinava devido ao esgotamento das minas de ouro,[13] ou como a descrição, de um bucolismo parnasiano, da floresta tropical:

The naturalist, who is here for the first time, does not known whether he shall most admire the forms, hues, or voices of the animals. Except at noon, when all living creatures in the torrid zone seek shade and repose, and when a solemn silence is diffused over the scene, illumined by the dazzling beams of the sun, every hour of the day calls into action another race of animals. The morning is ushering in by the howling of the monkeys the high and deep notes of the trees frogs and toads, the monotonous chips of the grasshoppers and locusts. When the rising sun has dispelled the mist which preceded it, all creatures rejoice at the return of day.[14]

E se hoje essa narrativa pertence aquele gênero tão caro aos historiadores, o relato de viagem, é porque, de fato, ela foi pensada como um roteiro para as terras ‘exóticas’; um gênero bastante popular na Europa há séculos. Por sua vez, os dados detalhados dos espécimes coletados ao longo do percurso seriam postos em outros

textos, principalmente na *Flora Brasiliense. Viagem pelo Brasil*, apesar de ter sido o primeiro resultado da expedição, seria muito mais um roteiro de viagem do que uma obra de ciências naturais. E apesar da co-autoria expressa nos três volumes, Spix de fato apenas participou da elaboração do primeiro deles, tendo adoecido e falecido antes de ver concluída a obra. *Viagem pelo Brasil*, assim, em sua totalidade é mesmo uma obra de Karl von Martius.[15]

Essa autoria foi bem discutida por José Honório Rodrigues já em 1956, quando o historiador paulista definiu a obra como “*um estudo psico-social sobre a gente brasileira*”.[16] Na verdade, tal era a importância da história para Von Martius que em 1845 ele participou de uma seleção promovida pelo IHGB, então iniciando sua busca pela construção de uma História brasileira, com um ensaio intitulado “*Como se Deve Escrever a História do Brasil*”, inicialmente bem-recebido e que iria se incorporar à lista de propostas românticas do IHGB para a estruturação de uma história nacional. Nesse texto ele propunha uma história construída a partir de observações empíricas, como já afirmou Honório Rodrigues,[17] e que valorizasse também a participação de indígenas e africanos na formação do Brasil. E se não deixou de ressaltar a hegemonia portuguesa nesse processo, o fez sob ressalvas:

Mas também de certo seria grande erro para com todos os princípios da Historiografia pragmática, se se desprezassem a força dos indígenas e dos negros importados, forças estas que igualmente concorrem para o desenvolvimento físico, moral e civil da totalidade da população.” [18]

Defendia assim que, para a elaboração acurada de uma História do Brasil, seria vital a investigação da história indígena e da história africana, uma vez que esses personagens formavam a maior parte da população. E se muitos haveria, ele reconhecia, que discordariam da contribuição das ‘*raças inferiores*’, ele preferia defender que estes não deveriam ser encontrados entre as vozes ilustradas que buscavam uma historiografia filosófica para o Brasil.[19]

Assim, foi envolvido por esse interesse em registrar todo o mundo natural – um interesse que hoje poderia ser dito antropológico – que Von Martius redigiu quase a totalidade de *Viagem pelo Brasil*, procurando sempre unir Ciência e Poesia, na perspectiva de Goethe – com quem se correspondeu nos anos que se seguiram a seu

retorno a Munique – e descrever o todo do mundo natural, inclusive sua característica humana.

O livro I é praticamente todo destinado à viagem iniciada em Munique e à travessia do Atlântico, com o relato da experiência brasileira, na verdade, começando propriamente no livro II, com a estadia no Rio de Janeiro, corte descrita como um *bico* de civilização na América selvagem:

If any person, considering that this is a new continent, discovered only three centuries ago, should fancy that Nature is here still entirely rude, mighty, and unconquered, He would believe, at least here in the capital of Brazil, that he was in some other part of the globe; so much has the influence of the civilization of ancient and enlightened Europe effaced the character of an American wilderness in this point of colony, and given it the stamp of higher cultivation. The language, manners, architecture, and the influx of the productions of the industry.[20]

Desde o fim do século XVIII os autores iluministas vinham cultivando a dupla noção de civilização e de selvageria, e tal visão está bem presente ao longo de *Viagem pelo Brasil*, e se os autores, Von Martius especialmente, descreveram o Rio de Janeiro como uma corte ‘iluminada’, não demoraram a associar o clima tropical e as ‘bezas naturais poéticas e pitorescas’ ao despreço dos habitantes pela arte, especialmente por pintura e escultura, substituídas até mesmo nas igrejas por objetos carregados de ouro.[21]

O colecionismo, por sua vez, aparece em *Viagem* em diferentes momentos e em diferentes personagens que os naturalistas encontraram pelo caminho: desde o Barão von Langsdorff, ele próprio um expedicionista, que mantinha um jovem botocudo “*not only as a living cabinet piece, but as a collector of objects of natural history*”, até o bispo de Minas Gerais, responsável por um museu de História Natural.[22]

Como já afirmou Karen Lisboa, a narrativa de *Viagem pelo Brasil* procurava responder a muitas demandas feitas aos dois naturalistas por vários ramos da ciência, e se sua observação procurava cobrir todos os elementos possíveis, ela nunca se afastava da descrição da natureza, sendo, além disso, declaradamente emocional, graças à filiação dos naturalistas a Von Humboldt e Goethe.[23] Goethe chegaria mesmo a chamar Von Martius de ‘o brasileiro’, aprofundando, graça a amizade que travou em

sua velhice com o botânico, um interesse no Brasil que cultivava desde sua leitura de *Dos Canibais*, de Montaigne. [24]

Em suma, se a obra dos dois bávaros tem sido extensa e intensamente explorada pela historiografia brasileira, sob os ângulos os mais diversos, ela – assim como a de outros viajantes do século XIX que aliaram a seu agudo senso de observação um talento para a escrita, tais como Henry Koster – ainda oferece às atuais abordagens historiográficas, principalmente aquelas baseadas em métodos antropológicos, um amplo leque de elementos para investigação.

Notas

[1] Para o presente trabalho utilizamos a primeira edição inglesa, de 1824.

[2] Doutora em História pela UFPE e professora Adjunta da Universidade de Pernambuco.

[3] Para os dados sobre a primeira edição alemã e a primeira brasileira, cf. LISBOA, Karen. O Brasil dos Naturalistas Spix e Martius. Taxonomia e sentimento. Acervo, Rio de Janeiro, v. 22, no 1, p. 179-194, jan/jun 2009. Seria contraproducente organizar aqui uma lista de trabalhos que usaram Spix e Martius como fonte, e mesmo aqueles que se dedicaram a analisar a obra em relação a seu contexto de produção são inúmeros, mas vale a pena mencionar alguns, tais como LISBOA, Karen. A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). 1997 - Editora Hucitec; GUIMARÃES, M. L. S. História e Natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. VII (2), 389-410, jul-out. 2000; AUGUSTIN, Gunther. A Literatura de Viagem na Época de D. João VI. Belo Horizonte, UFMG, 2009.

[4] Desta missão científica, organizada pela Academia de Ciências de Viena, “participaram o botânico Emanuel Pohl, o mineralogista Rochus Schüch, o naturalista Giuseppe Radi, o zoólogo Johann Natterer, o entomologista Johann Christian Mikan, o botânico Heinrich Wilhelm Schott, o pintor Thomas Ender, o caçador Ferdinand Wilhelm Sochor, os desenhistas G. K. Frick, Johann Buchberger e Franz Joseph Frühbeck.” Integrantes que eram da Academia de Ciências de Munique, Von spix e Von

martius foram incluídos na missão austríaca a pedido do rei da Baviera. LISBOA, Karen. O Brasil dos Naturalistas Spix e Martius. Op. cit. P. 74-75

[5] Para a influência das expedições científicas no processo de independências americanas, cf. PRADO, Maria Lígia Coelho. América Latina No Século XIX – Tramas, Telas e Textos. São Paulo, Edusp/Edusc. 2004.

[6] RODRIGUES, J.H. Como se Deve escrever a História do Brasil. Karl Friedrich Von Martius and José Honório Rodrigues. Revista de Historia de América. No. 42 (Dec., 1956), pp. 433-458. P. 433.

[7] LISBOA, Karen. O Brasil dos Naturalistas Spix e Martius. Op. cit. P. 181.

[8] A Flora brasiliense de Von Martius foi publicada originalmente em 130 volumes, entre 1840 e 1906, e trazia pranchas que reproduziam os registros da expedição, elaboradas por artistas diferentes artistas, inclusive Thomas Ender, que participara da expedição como pintor oficial. Mas Ender só participou da primeira etapa da viagem, o que levou Von Martius a alterar algumas das pranchas, incluindo detalhes. cf. ASSIS, Heitor. Litografias e obras artísticas na Flora Brasiliensis. RHAA 15, PP.95-11.

[9] LLOYD, H. E. Translator's Preface. In TRAVELS in Brazil, in the Years 1817-1820. Undertaken by command of His Majesty the King of Bavaria, by Dr. Joh. Bapt. Von Spix, and Dr. C. F. Phil. Von Martius. London, printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green. 1824. P. X.

[10] TRAVELS in Brazil, in the Years 1817-1820. Undertaken by command of His Majesty the King of Bavaria, by Dr. Joh. Bapt. Von Spix, and Dr. C. F. Phil. Von Martius. London, printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green. 1824. p 206

[11] Idem, p. 206-7, 166.

[12] Cf. LISBOA, Karen. O Brasil dos Naturalistas Spix e Martius. Op. cit.

[13] TRAVELS in Brazil, p 208-209

[14] Idem, p. 244

[15] Cf. LISBOA, Karen. O Brasil dos Naturalistas Spix e Martius. Op. cit. P. 76. É importante notar, entretanto, que existem aqueles que defendem que a participação de von Spix na expedição, e na obra, são subestimadas pela historiografia. Cf. FITTKAU, E. Johann Baptist Ritter von Spix: Primeiro Zoólogo de Munique e Pesquisador no Brasil. História, Ciências, Saúde. Vol. VIII. 2001.

[16] RODRIGUES. Op. cit. P. 437.

[17] Idem, p. 438.

[18] COMO se Deve Escrever a História do Brasil. Dissertação oferecida ao instituto histórico e geográfico do Brasil, pelo dr. Carlos Frederico ph. De Martius, acompanhada de uma biblioteca brasileira, ou lista de obras pertencentes a historia do Brasil. Karl Friedrich Von Martius and José Honório Rodrigues. Revista de Historia de América. No. 42 (Dec., 1956), pp. 433-458. Published by: Pan American Institute of Geography and History. P. 442.

[19] Idem, p. 442-444.

[20] TRAVELS in Brazil, op. cit. p. 133

[21] Idem, p. 156. Eles, no entanto, fazem uma ressalva à qualidade musical.

[22] Idem, p. 143.

[23] LISBOA, K. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da Natureza e Esboços de uma Civilização. Revista brasileira de historia, v 15, n 29, p 73-91, 1995. p 77.

[24] Para essa relação entre Goethe e Von Martius, cf. MAZZARI, Marcus. Natureza ou Deus: afinidades panteístas entre Goethe e o “brasileiro” Martius. Estudos avançados 24 (69), 2010.